

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3030 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3200 . Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12200 . Numero avulso..... 3040 .	N.º 59	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 31, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## A CIVILIZAÇÃO PORTUGUEZA NO SEculo XV

(Excerpto)

Estava Portugal n'aquelle seculo, senão tão florente em letras como a Italia e como a França, não de certo inferior em valia intellectual aos demais povos christãos do Meio-dia e do Occidente. Muitos homens eminentes por sua erudição e anhelo de saber attestavam que o engenho portuguez requer apenas luz e liberdade para que possa desentranhar-se em fructos sazonados. Desde os tempos de D. Affonso III e D. Diniz a cultura nativa, ainda então escassa e rude, como de quem mais sabia vestir as guerreiras loucinhas de soldado, que a severa garnacha de doutor, fôra largamente fecundada pelo influxo de estrangeira illustração. A poesia artificiosa e corteza tomára domicilio nos paços dos monarchas e nos alcaçeres dos potentados. Os cançoneiros, numerados entre os mais antigos e preciosos monumentos litterarios da peninsula, ali ficaram para demonstrar como a poesia achava em Portugal, n'aquelle tempo, não sómente quem a podesse aquilatar com justo apreço, senão quem a soubesse compor e exornar. A novella de cavallaria tinha no engenhoso cavalleiro portuguez, Vasco de Lobeira, o auctor, segundo a opinião de muitos doutos, ou pelo menos o novo redactor do celeberrimo *Amadis*, a quem Cervantes, no famoso escrutinio da livraria de D. Quixote, exalta até ás nuvens, como tendo o principado em toda a andantesca litteratura. As sciencias, que durante os reinados mais antigos não achavam onde luzir e professar-se, tiveram no *estudo geral*, instituido em Lisboa pelo rei menestrel e cultivador, asylo decoroso, onde abrigar-se. O direito romano, que em face dos barbaros costumes e das instituições locais, se por um lado debilitava a liberdade e independencia municipal, representava por outro lado um progresso valioso na unidade portugueza e na condição intellectual da monarchia, lográra introduzir-se em Portugal. As leis romanas, com a sua contextura systematica e o seu corpo doutrinal, começavam a vencer a anarchia do direito consuetudinario e a omnipotencia das leis municipaes. Era frequente o concurso de portuguezes escolares, que a Paris e a Bolonha, centros principaes da sciencia medieva, iam retemperar o entendimento e vincular a intelligencia

nacional á commum civilização da christandade. O famoso doutor João das Regras, que em nome da soberania eleitoral, nas côrtes de Coimbra, ajudou com a eloquencia e a erudição o montante do condestavel, para que superasse as resistencias oppostas á eleição do mestre de Aviz pelos escrupulos dynasticos e pela superstição da legitimidade, era um exemplo vivo de que no meio da peleja não dormitava o engenho portuguez. O infante D. Pedro deixou assignada em monumentos litterarios a predilecção, que lhe merecera o saber, a poesia, a erudição. El-rei D. Duarte legava á posteridade, no seu livro do *Leal conselheiro*, um irrecusavel testemunho de que excedera pelos vãos da intelligencia o nivel dos seus coroados contemporaneos. Fernão Lopes, nas chronicas de D. João I e do infante D. Pedro, despojava a linguagem portugueza da mais rude cortiça semi-barbara, e não se envergonhava de que os seus livros competissem com as narrativas de Froissard, o eminente e coevo historiador. Gomes Eannes de Azurara, na sua *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, alem da sua curiosidade inquiridora e da sua historica veracidade, pompeava a sua grande erudição nas letras sagradas e profanas e a sua larga e frequente conversação com os mais illustres escriptores da antiguidade.

De quanto florescia as artes em Portugal em principios do seculo xv, dá irrecusavel testemunho a grandiosa fundação do mosteiro da Batalha, cuja phantasiosa architectura podia emparelhar com as soberbas cathedras contemporaneas.

Em tempos de D. Affonso V se compilaram e reduziram a corpo harmonico de leis as antigas ordenações. Em seus paços se fundou a primeira livraria n'aquelles tempos, que os codices eram tão custosos e tão raros que os volumes se prendiam por cadeias, para que se não podessem distrahir do seu lugar, e figuravam como legados preciosos entre as copas, as baixellas, os brocados, as joias e as alfaias dos principes e dos prelados.

O estado mental do povo portuguez, nas classes, a que em tempos de ciosos privilegios se podia difundir a illustração, era pois accommodado a que não sómente se conhecesse o que nos haviam transmitido os escriptores da classica antiguidade, senão que andassem divulgadas as obras de mais tomo e valia intellectual, que na Europa letrada se escreviam.

Havia, pois, em Portugal n'aquelle seculo noticia do que acerca da cosmographia e das mysteriosas regiões da Africa e da Asia nos deixaram entrever antigos escriptores. Em seus livros se podia rastrear alguma luz, se bem que debil e indecisa, por entre a sombra e escuridão de erros capitales dogmaticamente professados, e de palmares ignorancias coloradas por fabulas pueris e desvaídas phantasias. As viagens e peregrinações de aventureiros temerarios através das terras asiaticas até ás nebulosas regiões do Cathay e de Cipango, andavam já notorias entre os mais curiosos portuguezes. O proprio infante D. Pedro, porventura estimulado por este nobre aneio de alargar os ambitos da patria, condão peculiar da sua familia, tinha cruzado as terras peregrinas, e as *sete partidas*, que pelo mundo havia percorrido, andavam como em prologo na bôca popular. Fôra elle, segundo o testemunho de Valentim Fernandes ou de Moravia, quem á volta de suas largas excursões trouxera de Veneza a Portugal a primeira copia do livro de Marco Polo.

Por assombrosos que fossem reputados no seu tempo em toda a Europa, por incriveis, á conta de sobrehumanas, que nos pareçam depois de tantos seculos as navegações e descobrimentos portuguezes, é bem que nos não deixemos enganar por tão superfluo amor da patria, que julguemos os nossos primeiros mareantes desamparados de toda a luz e tradição como quem se aventurou a mares desconhecidos e tenebrosos, em demanda do que nem por vagos indícios suspeitava. Não, os portuguezes do seculo xv não iam embarcar-se em frageis caravellas e mal seguros barineis, sem levarem uma rota já marcada, ainda que imperfeita e ás vezes conjectural. As suas navegações não são apenas romanescas excursões de *cavalleiros andantes do Oceano*, que vão sulcando as aguas tormentosas, sem norte e sem destino, em busca de fortuitas e inopinadas aventuras. É na traça discreta, calculada, systematica, por que se vão guiando em suas perigosas singraduras, é na racional e methodica sequencia e tenacidade em suas empresas, que a immensa circumnavegação dos portuguezes desde o cabo Não até o Malabar se distingue profundamente das pequenas e accidentaes navegações, que outros povos europeus, asiaticos ou africanos puderam porventura antes de nós emprender.

Com verdade escreveu o nosso grandissimo geometra Pedro Nunes, «que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos navegadores mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria, que são as cousas de que os cosmographos hão de andar apercebidos».

É o nosso periplo glorioso, é aquella cadeia ininterrupta de maritimas proezas, com que andámos rodeando todo o africano litoral, como que um longo e concatenado raciocinio, meio experimental e meio theorico, onde cada singradura é a premissa da seguinte, cada signal ou padrão, que fomos plantando aqui e acolá, o marco de onde contámos novo tracto de terra marginal desconhecida. E aoavez da nossa previsão e perseverança, as antigas navegações em torno de Africa, se acaso as podemos defender de espurias ou fabulosas, e as suppostas expedições

de normandos, catalães, venezianos, genovezes, são n'este magnifico certamen como que desconnexos improvisos, sem exito e sem fructo conhecido para a civilisação universal. A nossa empreza é como um poema epico, de que resoam ainda os cantos da tuba do Camões; e a d'elles uma trova ligeira e fugitiva, sem echo e sem applauso na remota posteridade.

Aqui poderamos nós a respeito dos antigos navegadores portuguezes dizer com o poeta de nossas maritimas victorias:

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,  
Phantasticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas, fabulosas.

Tamanhas e agora quasi tão perdidas para nós, tão fructuosas para estranhos!

J. M. LATINO COELHO.

### A INDUSTRIA DAS RENDAS EM PORTUGAL

Não falta quem assevere ahí a cada passo, com o entono phalucioso que umas vezes vem da demasiada sciencia e outras é filho de uma lamentavel ignorancia, que Portugal não é, nunca poderá ser um paiz apto para n'elle se radicarem e desenvolverem industrias.

A velha formula de ser elle só *essencialmente agricola* está de tal modo inveterada no espirito de todos, que não é facil convencer governos e individuos que hoje nenhum povo pôde e deve ser já essencialmente cousa alguma, porque precisa em absoluto ser tudo, embora possa e deva tambem cumulativamente ou principalmente explorar o ramo ou ramos para que tenha maior numero de recursos ou de aptidões.

Acresce alem d'isso que na hora presente a agricultura é cada vez mais uma industria, que até exige industrias subsidiarias, e que mesmo por este lado não colhe o argumento dos que querem transformar o paiz n'um extenso vinhedo ou n'uma enorme granja...

É claro que não tendo nós o ferro, e não tendo o carvão, não estamos habilitados a competir no terreno da grande produção com as nações que possuem estes dois importantes valores, e por isso é com effeito disparatado pretender que Portugal possa hombrear com a Belgica, por exemplo, como alguns insinuam, sob pretexto de ser esta uma nação pequena, mais pequena até do que a nossa, visto como ella dispõe d'essas duas poderosas fontes de riqueza que nós não possuímos; mas, entre aspirar ao que é insitamente irrealisavel e por natureza impossivel, e desajar o racional e o consentaneo com os elementos de que dispomos, não pôde haver hesitações, e só uma pronunciada má vontade ou uma tristissima insciencia lograrão proclamar e defender o desacerto de que não somos nem podemos ser um paiz industrial.

Vem isto a proposito de uma visita que fizemos ao gabinete de trabalho do grande artista Columbano Bordallo Pinheiro, e onde casualmente se nos de-

parou uma officina-miniatura para a producção de rendas, sob a direcção da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, irmã do distincto pintor.

Esta senhora, que o pequeno publico que entre nós se occupa de questões de arte deve pelo menos conhecer de nome, e cujos bellos e poderosos quadros de flores tão alto a collocam aos olhos de criticos e de não criticos, foi ha annos justamente nomeada por um dos homens de mais rasgada iniciativa que tem passado pelo ministerio das obras publicas, o sr. Emygdio Navarro, para ir montar e dirigir em Peniche uma escola de rendas.

Factos que ignorámos, e que depois sobrevieram afastaram-n'a d'ahi; e ao presente acha-se ella na capital onde as suas incontestaveis facultades e a sua especial competencia permanecem desaproveitadas e inertes, podendo até redundar em pura perda, se porventura como artista que é, d'isso a não salvasse o amor enranhado de que se deixou tomar pelo ramo a que se dedicou, a principio com a simples curiosidade esthetica de quem ama todas as manifestações da phantasia no trabalho humano, e agora com a verdadeira paixão de uma convicta.

A corajosa senhora montou, pois, uma pequena officina em sua casa, e dirige a aprendizagem de duas ou tres creanças que mandou vir, e que dentro em pouco serão rendeiras de primeira ordem, se tiverem a rara felicidade de se conservar sob uma tãõ excepcional, tão culta e tão superior tutela.

Dos que nos leiam já muitos terão visto preciosos specimens que alguns dias se conservaram expostos na ourivesaria Leitão, e pelo que respeita ao valor que o desenvolvimento d'essa industria poderia representar para nós, alem dos productos apresentados na exposição industrial de 1888, basta saber-se que não ha talvez em todo o littoral portuguez ponto algum onde se não confeccionem rendas.

Citam-se as de Peniche, Setubal, Aveiro, Madeira, Vianna, mas poderiam citar-se outras, e ainda ha annos o sr. Joaquim de Vasconcellos, com a especial competencia que o caracteriza, fazia n'uma conferencia notavel largas referencias a essa industria, tão pittoresca e tão portugueza, e apontava o facto de uma bellissima renda feita para a alva de um bispo ter merecido as mais encomiasticas palavras ao jury de uma das ultimas exposições francezas.

Commercialmente—pois que na quadra actual é preciso encarar tambem as cousas sob este aspecto—representaria a industria das rendas um artigo importante, segundo o prova essa mesma alva de que fallámos, a qual foi em Paris altamente cotada, e ninguem ignora como se pagam no mercado as boas rendas estrangeiras que a elle vem.

Ora, as nossas, conseguido o principal desideratum da originalidade e da perfeição do desenho, que deveria ser quanto possivel procurado em assumptos portuguezes, na nossa flora, na nossa architectura, na nossa paizagem, em qualquer emfim dos multiplices aspectos do nosso caracter nacional—de que era seguro penhor a proficiencia e a intuição artistica e até scientifica da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta,—não poderiam ser menos apreciadas que as estranhas, e assim viria a constituir-se esta industria n'um espaço de tempo relativamente curto, attentas as espeças e já provadas aptidões que em todo o paiz para ella

existem, e que tantos e tão comprovativos exemplos attestam.

Não sabemos nós se os que têm obrigação de o fazer pensaram ou terão pensado n'isto, e desejámos mesmo que a estas horas já o merecimento incontestavel e incontestado da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro tenha sido dignamente aproveitado, como é dever sê-o; mas n'uma revista consagrada antes de tudo a saudar e a defender os symptomas de vida nacional que existem ou vão apparecendo, quizemos ao menos deixar consignado o que sentiamos, tanto mais que alastrando em certas camadas a nodosa do estrangeirismo, e não querendo nós ser solidarios com essa triste demonstração de demencia, com esse vergonhoso e egoistico testemunho de ignorancia, de pequenez e de insensibilidade nacionaes, que se não for combatido acabará por nos eliminar, estava naturalmente indicado deixar aqui, com a homenagem da nossa admiração pela perseverança patriótica e rara que o trabalho d'esta senhora representa, a esperanza de que alguma cousa se fará ou terá feito no sentido de dar o preciso e redemptor incremento á industria das rendas em Portugal.

AFFONSO VARGAS.

#### ASSUMPTOS VARIOS

Os poetas moços são como o vapor. Uma vez accesa a caldeira do enthusiasmo, começam a devorar espaço, ferve-lhes o sangue, e é preciso dar-lhes saída ao gaz, senão estoiram. Abre-se a válvula, silva a machina, vomita fogo, fumo, escorias, tudo que lhes fazia mal ao cerebro, e depois voltam a funcionar regularmente. (*Memorias biographicas de Garrett—Gomes de Amorim.*)

Da conferencia feita pelo sr. dr. Alves Mendes na sé cathedral de Coimbra—homenagem á mesma cidade—copiámos os seguintes notaveis trechos:

Diz-se que a materia cosmica distendida pela immensidade se condensa, se uniformisa em certos nucleos, que se tornam outros tantos soes na amplidão do firmamento. Do mesmo modo as idéas reveladas e espalhadas entre os homens se coalham, se concretisam em certos povos, que ficam sendo outros tantos fanaes nas sombras do planeta. D'aqui resulta que cada uma das cidades illustres burila n'um traço proeminente, chancellã n'um qualificativo apropriado o seu caracter genial ou seu destino historico.

Jerusalem é a cidade de Deus;  
Tyro, a cidade do commercio;  
Alexandria, a cidade dos philosophos;  
Athenas, a cidade da arte;  
Roma, a cidade do direito;  
Florença, a cidade do renascimento;  
Veneza, a navegante;  
Carthago, a bellicosa;  
Genebra, a democratica;  
Antuerpia, a mercantil;  
Paris, a cosmopolita;  
Londres, a monetaria;  
Toledo, a mosarabe;  
Sevilha, a oriental;  
Saragoça, a patriótica;

e, junto de nós:

Eyora, a cavalheirosa;  
Lisboa, a cortezã;  
Porto, a invicta;  
Braga, a theocratica;

e consecutivamente assim.

Coimbra é a rica cidade universitaria, a fidalga cidade academica, a activa cidade do estudo, a briosa cidade das letras, a cidade épica da sciencia...

Cidade da sciencia! Que augusto titulo, que incomparavel titulo este! Por si só vale um poema; falla mais alto que um discurso.

Cidade da sciencia quer dizer: cidade onde o amor á sciencia é o mais radicado e perfeito dos amores, a tradição da sciencia, a mais lustrosa e veneranda das tradições, a gloria da sciencia, a mais pulchra e inescurecível das glorias; cidade de tanto animo e de tanta historia, de taes extremos e tamanhos affectos pelo culto da sciencia, que se o oceano se levantasse e viesse por ahi adentro subverter completamente este paiz, deixando apenas a ella como balisa, como memoria, sobre as aguas, essa balisa seria ainda o monumento mais excelso, essa memoria a petrificação mais gigantesca do genero da sciencia lusa e tambem da crença fidelissima—porque não ha verdadeira sciencia sem verdadeira crença, visto em Deus, e só em Deus, estar o principio, a vida de toda a sciencia.

Do mesmo preclarissimo orador:

As nações só são grandes sendo livres, só são livres sendo cultas, só são cultas sendo dignas, só são dignas sendo respeitaveis, só são respeitaveis sendo autonomas, só são autonomas sendo victoriosas, e só são victoriosas sendo crentes, porque a crença é de si uma victoria.

O erudito escriptor, distincto poeta e já laureado auctor dramatico, Henrique Lopes de Mendonça, exprime-se do seguinte modo acerca das pessoas que entre familias se chamam *padrasto, madrastra, enteada*:

Estes vocabulos são de amargo sabor, uma especie de contrafacção odiosa das encantadoras palavras que se gravam no coração da infancia, como expressões supremas de affectibilidade humana: *pae, mãe, filho, filha*.

Nem a crença que balbucia as primeiras, n'aquelles deliciosos ensaios da infancia, que são como que o desabrochar perfumado da intelligencia, nem o adulto que as pronuncia com plena consciencia da sua elevada significação podem acceitar de boamento que a lacuna que a morte lhes deixou no coração seja occupada por uma physionomia estranha. É muito difficil fazer brotar um amor no sitio onde ainda floresce uma saudade.

Se queremos bem ao principio da igualdade, não o desvirtuemos. A igualdade só é verdade pratica no mutuo reconhecimento da dignidade de cada uma, acabando-se a sua classificação por numeros de ordem, e estabelecendo-se a sua designação por mes-teres; tudo o que sair d'estes limites é uma exa-

geração do principio, exaggeração que o prejudica, perdendo aquelles a quem illude. (*Mario*—A. S. *Gayo*.)

Do mesmo talentoso escriptor:

N'este mundo todos temos presumpções de nobreza. Uns chamam-se nobres, porque têm em casa uma qualquer arvore genealogica, mais ou menos verdadeira. Outros julgam-se taes, porque são filhos do seu trabalho e da sua intelligencia em actividade; porque olham serenamente para o passado, sem verem, n'elle, uma nodoa para a consciencia; porque sentem em si uma nobre aspiração para tudo o que é bom e grande.

Na Hollanda —no dizer de um espirituosissimo critico— a liberdade é um facto consummado, um facto publico—nova função do organismo social, uma propriedade inherente á vida da nacionalidade e n'ella inclusa como a alma no corpo.

Na Hollanda a liberdade das idéas não se discute como cousa que vem d'este ou d'aquelle partido, sendo susceptivel de se alargar ou de se restringir segundo o voto de um ou de outro. É uma realidade cosmica, é como um dos elementos chimicos da atmospha local, existe no ar e no pulmão de cada um. Não se solicita nem se cutorga. Respi-ra-se.

## PORTUGAL NO CALVARIO

Não resistimos ao prazer de transcrever um trecho do *Portugal no Calvario*, de Guerra Junqueiro. Preceder esse trecho, ou o nome do auctor, de qualquer epitheto encomiastico era pleonasmio que raiava pelo disparate, por isso nos limitámos a sentir não ter mais para transcrever.

## A INGLATERRA

Hão de um dia as nações, como hyenas dementes,  
Teu imperio rasgar em feroz convulsão...  
E no torvo hallali, dando saltos ardentes,  
Com a baba da raiva esfervendo entre os dentes,  
A bramir levará cada qual seu quinhão.

E tu ficarás só na tua ilha normanda,  
Com teus barões feudaes e teus mendigos nús;  
Dorará teu peito um cancro acceso, a Irlanda,  
E a tua carne has de vel a, ó meretriz nefanda,  
Loço amassado em sangue, oiro amassado em pus!

E assim como em brutaes noites de pezadello  
No sornito porão de uma nau sem ninguém,  
Entre nuvens de fogo e temporaes de gelo,  
De bombardos a estibordo a rolar n'um novelo,  
Desabando e rugindo, aos montões, n'um vaivem,

Se estrangulam febris, roucos, dilacerantes,  
As pupillas a arder em brazas infernaes,  
Pantheras contra leões, ursos contra elephantes,  
Cobras em redemoinho a silvar dardejantes,  
Bufalos escornando os tigres e os chaceas;

Assim vós, assim vós, dura raça assassina,  
Sobre essa nau de pedra onde o mar vae bater,  
Vos estrangulareis n'uma carnificina,  
De que só ficará, sob a densa neblina,  
N'um pantano de treva uma Gomorrha a arder!

GUERRA JUNQUEIRO.

## O TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER EM GOA

Em o n.º 58 dêmos uma breve noticia do estabelecimento das ordens religiosas na India portugueza e da igreja e extinto convento do Bom Jesus em Goa, onde se guardam com a veneração devida os despojos mortaes de S. Francisco Xavier.

Cumprindo a promessa então feita, apresentamos hoje com a excellente gravura do sumptuosissimo tumulo em que está encerrado o corpo d'aquelle grande apóstolo e grande obreiro da civilisação christã, a descripção d'essa famosa obra de arte; e como por certo a não poderíamos fazer melhor nem mais exacta, aproveitámos, com a devida venia, resumindo-a, a que

se encontra na obra do sr. Lopes Mendes, *A India portugueza*, copioso repositório de informações interessantissimas ácerca das cousas e estado actual d'aquella lendaria e tão descurada parte da monarchia.

Compõe-se o monumento de tres partes ou corpos distinctos, além do caixão ou urna de prata em que está o corpo mumificado do glorioso santo. Tem 6 metros proximate de altura desde a base até á parte superior da cruz, que serve de remate ao referido caixão ou urna, 3 metros de comprimento e 2<sup>m</sup>,5 de largura.

A primeira parte ou corpo tem em cada face um altar. Constitue como que a base do sarcophago, e é de bellissimo marmore vermelho ralado de branco, com os raios de marmore branco e raios alaranjados.

Os ornatos dos altares, assim como as cabeças de cherubins são de jaspe e alabastro purissimos. No centro do frontal de cada um dos altares vêem-se diversos emblemas em alto relevo, representando, no da face norte, como se pôde observar na gravura, o sol com dois circulos concentricos; no que olha para o occidente, um livro e diferentes cruzes como descendo sobre elle; no do sul, um coração d'onde se evolvam chammias; e finalmente no da cabeceira, o céu nebuloso, despedindo raios, que derrubam um edificio encimado com a meia lua.

O segundo corpo é um parallelepipedo de lindo marmore verde, salpicado de pintas brancas, pretas e cinzentas, com molduras e frisos de marmore amarellado com veios brancos e acastanhados. No centro de cada uma das quatro faces ha uma grande lamina de bronze, de grande merecimento artistico, representando em alto relevo, as mais notaveis passagens da vida de S. Francisco Xavier. Na lamina, que fica voltada para a igreja, figura o apóstolo doutrinando os povos da India.

Superiormente a este alto relevo ha um medalhão de bronze, sustentado por dois anjos de grandes dimensões e de alvissimo alabastro, symbolisando o sol, e encimado por uma fita, de bronze tambem, com a legenda: *Nox inimica fugat*. A lamina da face occidental representa S. Francisco Xavier no acto de baptisar os gentios nas Molucas. Está descalço o

santo, de sobrepele e estola, segurando na mão esquerda a imagem do crucificado. Na parte superior ha um medalhão de bronze, representando o sol no zenith; e na fita sustentada pelos anjos lê-se: *Ut vitam habeam*.

Na do lado meridional vê-se o apóstolo, procurando atravessar um rio sobre madeiros para fugir á perseguição dos javaros da ilha de Moro, e no medalhão sobreposto dos ja varos a legenda: *Nihil horum vereor*.

Finalmente, o alto relevo do lado oriental mostra o santo na hora do passamento na praia de Sanchão; está deitado sobre uma esteira, entre os seus discipulos Antonio e Christovão, e assistido dos anjos. O medalhão representa o sol no occaso, e na fita lê-se: *Maior in occasu*.

O terceiro corpo é de marmore roxo com manchas brancas. Os frisos e molduras das pilastras dos angulos são de marmore escuro raiado de branco, e de marmore amarello os plinthos e cimalthas.

Sobre este corpo assenta o caixão ou urna, guarnecida exteriormente de prata rendilhada sobre velludo carmezim, e cravejada de innumerables pedras preciosas. Nas quatro faces d'esta urna, em que se conserva o preciosissimo depositado, ha trinta e dois quadros em relevo, sobre laminas de prata, rememorando os diferentes passos e miladres do famoso astro que diffundi no Oriente a luz fecunda do evangelho.

Sobre o caixão ou urna vêem-se dezesseis anjos de prata, e doze ornatos em forma de pinha, de prata, com flores cravejadas de pedras preciosas.

A peanha da cruz que serve de remate ao monumento, tem nos lados occidental e oriental dois anjos, e por baixo o primeiro um coração em chammias, e o segundo a legenda: *Satis est, Domine, satis est*, palavras que se attribuem ao santo quando enlevado em mysticos extasis.

A ampla capella, onde foi erigido o monumento de que nos occupámos, magnificente offrenda, que abona os sentimentos piedosos e a generosidade do grão duque de Toscana, Fernando II, de Médicis, é exteriormente ornada de boa obra de talha dourada, e n'ella se admiram, por igual, vinte e sete quadros, representando episodios da vida de S. Francisco Xavier;

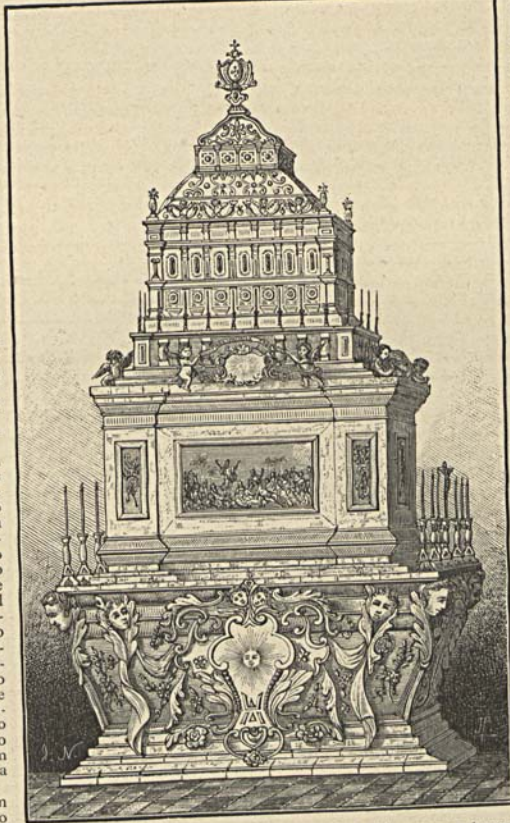
são evidentemente da escola italiana, e alguns de innegavel merito. Sobre a porta d'esta capella, do lado externo, ha um painel com o fiel retrato do apóstolo, em meio corpo. Segundo a tradição, foi feito na Asia, e logo que chegou da Europa.

S. Francisco Xavier falleceu de cincoenta e cinco annos, sendo canonisado em 1622 pelo summo pontifice Gregorio IV.

F. PEREIRA E SOUSA.

São immensos os conselheiros, e raros os bons conselhos; mas, a despeito d'isso, ha mais quem dê bons conselhos, que quem dê bons exemplos.

MORAES CARVALHO, Apherimos.



## O ENSINO DO DESENHO

Do interessante folheto de Felix Regamey, *L'enseignement du dessin aux Etats-Unis (Notes et documents)*, transcrevo hoje o seguinte resumo da theoria de M. Walter Smith, *master of art*, da escola de Kensington (Inglaterra), e auctoridade de primeira ordem em questões de ensino artistico.

JOSÉ PESSANHA.

«Só devemos tratar de ensinar o que possa ser aprendido por todos, e directa ou indirectamente util a todos.»

«Ao ensino superior ou especial deixámos o cuidado de ensinar o que possam desejar saber algumas pessoas excepcionalmente dotadas pela natureza ou pela fortuna, e que seja indifferente ao publico.»

«É o desenho industrial e não o desenho picturesco ou pictural o que importa ensinar nas escolas publicas.»

«Os exercicios, — progressivos sempre, — devem ser ligados entre si, desde a classe mais elementar até á mais elevada. A partir d'esta, o ensino torna-se pessoal, e os exercicios devem ser variados segundo as capacidades diversas dos diversos individuos.»

«O unico meio pratico de fazer entrar o desenho nas escolas publicas é entregar o ensino d'elle aos professores ordinarios.»

«Sendo os elementos da fórma um composto de arithmetica e de escripta, deve qualquer professor achar-se muito rapidamente em estado de ensinar desenho, embora não tenha um gosto excepcional, ou uma extrema habilidade manual.»

«Póde uma creança aprender a ler, escrever e contar?—Póde igualmente aprender desenho.»

«O desenho constitue um dos elementos da educação geral. A escola publica deve ensinal-o.»

«A verdadeira função do desenho na educação geral é desenvolver a percepção e exercitar a imaginação. Fortifica, por consequencia, o amor do methodo, e, simultaneamente, suscita a originalidade.»

«O desenho não é um objecto de luxo. É um instrumento que facilita o estudo de outros assumptos, como a geographia, a historia, a mecanica, etc.»

WALTER SMITH.

## A VIDA MONACHAL. CURIOSIDADES

Possuimos de ha muito e guardámos com a devida estimação na nossa modestissima bibliotheca um curioso livrinho manuscripto, que se inscreve: *Princi-*

*pio | e | fundação | do Real conven | to de Mafra, e sua | sustentação, e Luxo.*

É escripto por um frade, cujo nome se não declarou, mas assistiu muitos annos naquelle descomunal convento como se indica no mesmo livro, e contém 181 paginas numeradas, além da do rosto, e 30 innumeradas, do formato de 8.º menor, encadernação em carneira pintada, do fim do seculo passado, dourada por folhas e bastante deteriorada.

Muitas das especies comprehendidas n'este curioso codice encontram-se, e, em verdade com mais desenvolvimento e melhor methodo e redacção, na obra do sr. Joaquim da Conceição Gomes intitulada *Descripção minuciosa do monumento de Mafra*, de que conhecemos tres edições sendo a ultima acompanhada com uma *Noticia de Cintra, seus edificios e arredores*.

Ha, porém, informações de que o livro do sr. Gomes, que não conhecera acaso o trabalho do bom do frade, se não fez cargo, e não nos parecem destituídas de interesse, taes são, entre outras, as que se referem ao regimen alimenticio seguido em Mafra.

Vamos aqui copial-as em obsequio aos nossos leitores.

Antes, todavia, diremos os religiosos de que se compunha, quasi ao findar do seculo passado (1793) o real convento de Mafra:

Padres graves, leitores, ex-leitores, definidores, actuaes e habituaes, e alguns religiosos, que tem o mesmo privilegio .....	28
Sacerdotes, mestres reparantes, passantes, pregadores, confessores e mestres de ceremonias, organistas e os mais religiosos com occupação e outros sem ella .....	153
Coristas .....	37
Noviços .....	16
Religiosos leigos .....	68
Donatos .....	23
Medico assistente .....	1
Moços .....	12
Somma tudo .....	338

## Divisão da comunidade:

Leitores actuaes .....	9
Ex-leitores .....	7
Mestres reparantes .....	9
Passantes .....	4
Collegiaes .....	85
Pregadores .....	25
Confessores .....	21
Mestres de ceremonias .....	5
Organistas .....	12
Mestres de grammatica .....	2
Mestre dos meninos .....	1
Mestre da musica, de canto de orgão e tambem orgão .....	1
Mestre de cantochão .....	1

## Seculares:

Medico assistente .....	1
Medico adjunto .....	1
Sangradores, 1 assistente e adjunto .....	2
Cirurgiões, 1 assistente e 2 adjuntos .....	3

Botica: 1 Mestre e official. «Todos estes, acrescenta o auctor do livro alludido, tem gravissimos ordenados».

Segue o capitulo que trata da *Sustentação para os religiosos*, e diz assim textualmente e conservada a orthographia primitiva.

Ração ordinaria que os Religiosos tem em os dias que não são de solemmnidade.

Jantar de carne. Hum pam ao jantar, e outro a noite, que tenha de pezo 16 onças e meya, canada de vinho cada dia, sopas esprimidas, hum arratel de vaca, e hum prato de arroz.

A noite tem cada religioso tres quartas de carne ou de vaca assada ou afogada ou carneiro da mesma sorte. O segundo prato he ou hervas, ou arroz ou cellada.

Em dias de peixe ordinarios, e dias de jejum, tem o seguinte.

Hum arratel de peixe fresco, e sopas do mesmo peixe, e se he peixe seco he meyo arratel, e sopas de feijoens ou de hervilhas: tem mais hum prato de legumes temperado e arroz.

A noite, ou hervas, ou graons ou letria ou cellada. E nos domingos de quaresma tem hum arratel de peixe.

Em os dias das segundas classes e apostollos em dias de carne. Tem o mesmo que nos dias ordinarios, tem mais hum arratel de carneiro assado, ou afogado, ou vitella da mesma sorte, fruta.

A noite, o mesmo que em os dias ordinarios.

Em a mesma festividade em dias de peixe, ou de jejum.—Tem o mesmo que nos dias de peixe. Tem mais meyo arratel de peixe frito, e fruta. A noite o mesmo que em dia de jejum.

Em as Festividades maiores.

*Natal*.—Ao jantar o mesmo que nos dias communs, tem mais caldo de galinha, sopa de vaca, meya galinha, e hum arratel de carne de porco assada, arros do caldo da mesma galinha, fruta, e queijo.

A noite tem hum arratel de carne de porco assada, e arroz ou cellada. O mesmo he nas oitavas.

*O entrudo da quaresma*.—Tem o mesmo que nos dias ordinarios, tem mais hum arratel de carne de porco assado, meya galinha, e caldo da mesma, e arroz da mesma, e fruta e queijo. E em os dous dias seguintes sempre tem hum arratel de carne de porco, e fruta, e queijo. A noite em o mesmo dia de entrudo tem huma ração grande de Leitao assada, e o segundo prato, ou arroz, ou cellada.

*Em a Festa da Encarnação*.—Em dia de carne. Tem o mesmo que nos dias ordinarios, tem mais hum arratel de carneiro assado, e tres quartos de Vitella, ou vaca guizada, e fruta, e queijo, e tambem arroz doce. A noite o mesmo que nos dias ordinarios. Em dia de peixe o mesmo que nos dias ordinarios, de jejum, tem mais meyo arratel de peixe frito, e meyo de assado, e arroz doce, fruta, e queijo. A noite o mesmo que em os dias de jejum.

*Domingo de Ramos*.—Tem o mesmo que nos Domingos da quaresma, tem mais meyo arratel de peixe frito, e mesmo de assado, e laranjas da China, e queijo. A noite o mesmo, que nos dias de jejum, na segunda feira, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> o mesmo que nos dias de jejum, tem mais meyo arratel de peixe frito. A noite o mesmo, que nos dias de jejum.

*Quinta feira Sancta*.—Tem ao jantar, caldo de grãos doces, tem hum arratel de peixe fresco, meyo de assado, o mesmo de frito, hum prato de favas verdes, ou espinafres, com hum ovo no meyo, empadas, arroz doce, laranjas e queijo. A noite, tem caldo de farinha, e hervas. Tem mais cada Religioso meyo arratel de amendoas cubertas.

*Sabado Sancto*.—Tem o mesmo que nos dias de jejum, tem mais meyo arratel de peixe frito. A noite como dia de jejum.

*Paschoa*.—Tem ao jantar caldo de galinha, e meya galinha, tem mais huma reção de cabrito grande, e arroz da mesma galinha, e laranjas e queijo. E á noite huma reção de cabrito grande tambem assado e arroz. E nas mesmas octavas he o mesmo ao jantar, porem á noite como nos dias ordinarios de carne.

*Ascensão*.—Tem o mesmo que nos dias ordinarios de carne, tem mais hum arratel de Vitela asada, pastel de carne, e laranjas, e queijo. A noite o mesmo que nos dias ordinarios.

*Espirito Santo*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios, tem mais hum arratel de carneiro assado, meya galinha, caldo da mesma, meio arratel de doce, laranjas, e queijo. A noite o mesmo que nos dias ordinarios. Nas suas oitavas, ao jantar, tem hum arratel de assado, e á noite o mesmo que nos dias ordinarios.

*Santo Antonio Titular e orago da Caça*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios, tem mais caldo de galinha, meya galinha, hum arratel de vitella assada, empadas, pasteis de nata, arroz doce, laranjas, e queijo. A noite vitella assada, e selada ou arros.

*Em a festa do Corpo de Deus*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios, tem mais hum arratel de carneiro assado, pasteis, laranjas, e queijo. A noite o mesmo que os dias ordinarios.

*Dominga infra octava a festa do Corpo de Deus desta Real Basilica*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios tem mais hum aratel de vitela assada, e hum prato de ovos moles, pastel, arroz doce, laranjas, e queijo, e limoens doces. A noite hum aratel de vitella assada, e hervas.

*Assumpção de N. Senhora*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios, tem mais hum arratel de vitella assada e tres quartos de carneiro guizado, e fruta. A noite, como nos dias ordinarios.

*Natividade de N. Senhora orago desta Basilica*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios, tem mais caldo de galinha, meya galinha, hum arratel de vitella assada, e tres quartas de carneiro guizado, pastel, empada, arros doce, melão, e frutas, e queijo, e hum arratel de doce. A noite o mesmo, excepto, tres quartos de Vitella assada, que he de mais do comum, e hervas, ou cellada.

*N. P.<sup>e</sup> S. Francisco*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios, tem mais, caldo de galinha, meya galinha, pirus assado, leitao assada, pastel, empada, arros doce, ametade de hum melão, queijo, uvas, figos, limoens doces, e meyo arratel de doce, e melancia. A noite tem hum arratel de vaca estufada, e outro prato de cavidella de pirus, e hervas.

*A Sagração da Real Basilica*.—Tem o mesmo que os dias ordinarios. Tem mais hum arratel de vitela assada, e tres quartas de carneiro guizado,

pastel e arroz doce, fruta e queijo, e hum arratel de doce. A noite o mesmo que os dias ordinarios.

*O entrudo dos Santos.*—Tem o mesmo que os dias ordinarios tem um arratel de carne de porco assada, pastel, arroz doce, fruta, e queijo. A noite, tem pirum assado e caviddella do mesmo, e arroz, ou celada.

*N. Senhora da Conceição.*—Tem o mesmo que os dias ordinarios de peixe, tem mais meyo arratel de peixe frito, o mesmo de assado, pastel de fruta, arroz doce, fruta e queijo. A noite o mesmo, que os dias de jejum.

E todos os mais dias de festa que vem no anno, ou sejam da primeira, ou segunda classe, são iguaes ao que fica dito nas festividades antecedentes, ou sejam, em dias de peixe, ou de carne, sempre são os mesmos pratos.

Os Irmãos Donatos tem o mesmo que tem os Religiosos excepto; quando ha galinha em a comunidade elles não a tem. Em dia de Paschoa manda dar Sua Magestade aos moços da comunidade hum arratel de carneiro fora a sua reção, a qual elles levão para as suas familias aqueles que a tem.

Tambem se dá aos Pobres em Quinta feira Santa duas arrobas de bacalhão e dois alqueires de legumes, e assim o detriminou Sua Magestade, alem dos subjeitos da comunidade.

Em presença do que fica transcripto, vê-se que os frades de Mafra não se esqueciam, pelo menos, da ultima parte do proloquio latino: *Mens sana in corpore sano.*

F. PEREIRA E SOUSA.

### CARTAS DE JOGAR. NOTA ESTATISTICA

Baralhos de cartas de jogar lithographados e selados na Imprensa Nacional em conformidade do regulamento de 26 de Novembro de 1885.

	Numero de baralhos	Importancia do selo
Primeiro semestre de 1886.....	64:988	2:599 <sup>7</sup> 520
Segundo semestre de 1886.....	100:138	4:003 <sup>7</sup> 520
	<u>165:126</u>	<u>6:605<sup>7</sup>040</u>
Primeiro semestre de 1887.....	115:377	4:615 <sup>7</sup> 080
Segundo semestre de 1887.....	121:228	4:849 <sup>7</sup> 120
	<u>236:605</u>	<u>9:464<sup>7</sup>200</u>
Primeiro semestre de 1888.....	114:680	4:587 <sup>7</sup> 200
Segundo semestre de 1888.....	136:864	5:474 <sup>7</sup> 560
	<u>251:544</u>	<u>10:061<sup>7</sup>760</u>
Primeiro semestre de 1889.....	133:890	5:355 <sup>7</sup> 600
Segundo semestre de 1889.....	116:442	4 637 <sup>7</sup> 680
	<u>250:332</u>	<u>10:013<sup>7</sup>280</u>
Total nos quatro annos.....	<u>903:607</u>	<u>36:144<sup>7</sup>280</u>

O movimento que a nota acima indica divide-se pelo seguintes fabricantes:

João Jacinto Nunes & C. <sup>a</sup> :		
Anno de 1886.....	49:017	1:960 <sup>7</sup> 680
Anno de 1887.....	88:795	3:551 <sup>7</sup> 800
Anno de 1888.....	96:804	3:872 <sup>7</sup> 160
Anno de 1889.....	116:069	4:642 <sup>7</sup> 760
	<u>350:685</u>	<u>14:027<sup>7</sup>400</u>

### J. Maillard & Filhos:

Anno de 1886.....	45:643	1:825 <sup>7</sup> 920
Anno de 1887.....	54:521	2:180 <sup>7</sup> 840
Anno de 1888.....	56:423	2:256 <sup>7</sup> 920
Anno de 1889.....	57:156	2:286 <sup>7</sup> 240
	<u>213:743</u>	<u>8:549<sup>7</sup>920</u>

### Costa & Valerio:

Anno de 1886.....	12:248	489 <sup>7</sup> 920
Anno de 1887.....	25:306	1:012 <sup>7</sup> 240
Anno de 1888.....	24:848	993 <sup>7</sup> 920
Anno de 1889.....	20:502	812 <sup>7</sup> 080
	<u>82:704</u>	<u>3:308<sup>7</sup>160</u>

### Sousa & C.<sup>a</sup>:

Anno de 1886.....	6:131	245 <sup>7</sup> 240
Anno de 1887.....	19:820	792 <sup>7</sup> 800
Anno de 1888.....	26:760	1:070 <sup>7</sup> 400
Anno de 1889.....	25:213	1:008 <sup>7</sup> 520
	<u>77:924</u>	<u>3:116<sup>7</sup>960</u>

### Eduardo Gonçalves da Costa (Porto):

Anno de 1886.....	14:788	591 <sup>7</sup> 520
Anno de 1887.....	27:029	1:081 <sup>7</sup> 160
Anno de 1888.....	13:987	559 <sup>7</sup> 480
Anno de 1889.....	9:021	360 <sup>7</sup> 840
	<u>64:825</u>	<u>2:593<sup>7</sup>000</u>

### Germano & C.<sup>a</sup>:

Anno de 1886.....	12:258	490 <sup>7</sup> 320
Anno de 1887.....	10:480	419 <sup>7</sup> 200
Anno de 1888.....	15:622	624 <sup>7</sup> 880
Anno de 1889.....	12:269	490 <sup>7</sup> 760
	<u>50:629</u>	<u>2:025<sup>7</sup>160</u>

### Manuel José Alves de Azevedo (Porto):

Anno de 1887.....	3:008	120 <sup>7</sup> 320
Anno de 1888.....	16:025	641 <sup>7</sup> 000
Anno de 1889.....	5:336	213 <sup>7</sup> 440
	<u>24:369</u>	<u>974<sup>7</sup>760</u>

### Germano Bernardino & Filhos:

Anno de 1886.....	5:700	228 <sup>7</sup> 000
Anno de 1887.....	7:646	305 <sup>7</sup> 840
Anno de 1888.....	6:041	241 <sup>7</sup> 640
	<u>19:387</u>	<u>775<sup>7</sup>480</u>

### Amatucci (Porto):

Anno de 1886.....	12:094	483 <sup>7</sup> 760
-------------------	--------	----------------------

### Manuel Jesus de Sousa & C.<sup>a</sup>:

Anno de 1886.....	6:747	269 <sup>7</sup> 880
-------------------	-------	----------------------

### Repartição de Fazenda de Braga (1):

Anno de 1886.....	500	20 <sup>7</sup> 000
-------------------	-----	---------------------

<sup>1</sup> A repartição não declarou o nome do fabricante.

A saudação dos anniversarios não é uma banalidade. Suave expressão de um sentimento generoso, esta solemnidade de tão intimo culto na vida familiar como de proficuo alcance na vida social, denuncia externamente as intenções dos que a esses actos levam a alegre expansão dos sentimentos, e revigoram, aprimorando de certo, a fé e a dedicação por algum principio, por alguma aspiração, por algum ideal levantado e nobre.